

Carlos Brickmann, colunista de Política do Diário, morre aos 78

Nascido em Franca, no Interior Paulista, profissional fez história no jornalismo e abrilhantava as páginas deste jornal com suas análises desde 1998

BEATRIZ MIRELLE
beatrizmirelle@igabc.com.br

O jornalista e colunista do Diário Carlos Brickmann morreu ontem, aos 78 anos. Ele estava internado havia dois meses no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, para tratar de infecção urinária, que evoluiu para generalizada. O velório ocorre hoje, a partir das 11h30, no Cemitério Israelita do Butantã, onde também será realizado o enterro, às 13h.

Com passagens em veículos como *Folha de S. Paulo* e *Correio Popular*, ele manteve desde 1998 coluna publicada às quartas-feiras e aos domingos no Diário, em que comentava sobre política e economia. Brickmann deu entrada no hospital com infecção urinária. "Ele se recuperou depois de algum tempo. Foi para o quarto. Já estava cheio de planos, conversando. Há cerca de um mês teve uma recaída da infecção e estava na UTI desde então, lutando pela vida", relembra a jornalista Marli Gonçalves, que atua na Brickmann&Associados Comunicação.

Nascido em Franca, Interior de São Paulo, em 1944, o jornalista foi repórter, editor-chefe, diretor, assessor, consultor e colunista. A história de Brickmann começou cedo, em 1963. O tio dele viu um anúncio para a vaga de *copydesk* na *Folha de S. Paulo* e, aos 18 anos, o jovem foi aprovado para ingressar na função. Ele atuou por um ano na edição caipira, enviada ao Interior, e foi o editor mais jovem da editoria internacional (na época chamada de subsecretário de



MARCA Jornalismo isento e opinião consistente fizeram de Carlos Brickmann um dos profissionais de comunicação mais respeitados do Brasil

Mundo).

O legado de quase seis décadas de Brickmann marca as páginas de diversos jornais. Passou pela sucursal de São Paulo do *Jornal do Brasil* (1964), pela edição de esportes de *O Estado de S. Paulo* (1965), *Jornal da Tarde* (1966, ao integrar a equipe que fundou o periódico), e revista *Visão* (1974). Entre 1978 e 1980, foi diretor na Rede Bandeirantes de Televisão. Com o trabalho na emissora, ganhou quatro prêmios da Associação Paulista de Críticos de Arte, dois pelo *Jornal Bandeirantes*, dois pelo melhor programa de entrevistas, *Encontro com a Imprensa*.

Cinco anos depois, em

1983, foi o primeiro repórter a cobrir a campanha e manifestações pelas eleições diretas para presidente da República. Esse fato emplacou uma das manchetes mais marcantes da carreira do jornalista e garantiu a ele o destaque na seleção das 100 grandes reportagens da *Folha de S. Paulo*, em 2021.

O texto histórico "300 mil nas ruas pelas diretas" foi mancha na edição de 26 de janeiro de 1984. No mesmo ano, Brickmann aceitou o desafio de participar da reestruturação da *Folha da Tarde*, periódico vespertino da Empresa Folha da Manhã. A experiência e competência de Brickmann foram fundamentais para reformular o jornal que passava por problemas financeiros. Com humor, senso crítico e credibilidade, ele ficou quatro anos como editor-chefe e colunista, o que triplicou as vendas de exemplares nas bancas. Deixou o jornal em 1989 para participar da campanha de Paulo Maluf, na época do PDS (Partido Democrático Social). Com a perda do político na corrida presidencial, Brickmann voltou à *Folha da Tarde* e ficou até 1991, quando se tornou diretor de comunicação da Vasp.

Ainda com Maluf, integrou a coordenação da equipe de campanha do político para a Prefeitura de São Paulo, que garantiu vitória dele em 1992.

"Um bom jornalista tem de ter sorte", dizia Brickmann. Mas, além da sorte, a jornada dele foi marcada pela essência e o ímpeto de um repórter que desejava deixar sua marca no jornalismo nacional – e assim o fez. Os textos de Brickmann estavam presentes no Diário desde 1998. A criticidade e ironia misturadas com a experiência jornalística faziam parte de cada publicação. Apenas em 2022, publicou 76 textos para a Coluna Carlos Brickmann, sendo o último em 12 de outubro, intitulado "O ovo, o pinto, a galinha".

Brickmann deixa a esposa Berta Waismann Brickmann e dois filhos, Rafael e Ester.

Diretoria e colegas lamentam partida e citam inteligência, bom humor e ironia

A notícia da morte de Carlos Brickmann abalou os jornalistas que faziam plantão no início da noite de ontem no terceiro andar do edifício sede do Diário, na Rua Catequese, em Santo André. Além dos colegas, diretores do veículo de comunicação lamentaram a partida do profissional, que assinava sua coluna desde 1998. "Carlos Brickmann vai deixar um vazio impossível de ser preenchido. Suas análises precisas e brilhantes no campo da política e da economia, temperadas com toques sutis de humor e ironia, vão fazer muita falta para os nossos leitores", avaliou o diretor de Redação, Sérgio Vieira.

Diretor superintendente do Diário, Marcos Sidnei Bassi lembrou da longa trajetória de Carlos Brickmann nas páginas da seção de Política do jornal. "É uma grande perda para o jornalismo nacional. Suas análises precisas sobre a política farão uma enorme falta a todos", sintetizou o executivo.

Colegas de outros veículos lamentaram a morte. "Fica uma saudade imensa, enorme, do tamanho dele", disse Mario Marinho. "Sentiremos muita falta de sua verve, de suas ironias e de tudo o que o fez um grande amigo, um ótimo caráter e um excepcional jornalista", emendou Miguel Jorge.

'Tratava-se de um homem enorme. Em tamanho e em biografia'

JAYME BRENER*
Especialista para o Diário

"É a última peça que ele nos prega", disse o jornalista Boris Casoy, quando soube da morte de Carlos Brickmann. Duvindo. Onde quer que esteja, Carlos Brickmann, o Carlinhos, deve estar morrendo de rir de nós todos, aqui, a escolher palavras para falar sobre sua vida gorda e ancha.

Chamá-lo de Carlinhos já é uma gozação, já que se tratava de um homem enorme. Em tamanho e em biografia. Nascido em Franca, no Interior de São Paulo, foi um autodidata, como tantos outros jornalistas brilhantes. Começou – e não terminou – a faculdade de Direito, mas a verdade é que tinha tinta de impressão nas veias.

Passou pela *Folha de S. Paulo*, Rede Bandeirantes, mas foi na extinta *Folha da Tarde* que se destacou mais, ao popularizar a análise internacional e de política. Os mais velhos lembrarão do prêmio que entregou ao último colocado nas eleições para prefeito de São Paulo em 1985, ao mais que obscuro Rivaldo Ovidio. O mote da campanha de Ovidio: "onde está você, Franca Montoro?", ao referir-se ao então governador paulista. Pois Carlinhos, ao entregar o prêmio de consolação, não aguentou: "onde está você, Ri-



PROFISSÃO DE FÉ. Analista político brilhante, Brickmann sempre se preocupou em combater antissemitismo

valde Ovidio?..."

"Quando fui procurá-lo, em 1983, para tentar uma vaga na *Folha da Tarde*, levei comigo alguns dos meus textos da então *Resenha Judaica*", conta o jornalista Desirée Nuscon. "Muito sério, ele me fez uma única pergunta: sabe que pra trabalhar aqui você vai ter que escrever em Português...". Olhei sem entender e logo ele começou a rir e disse: "seus textos são ótimos, mas têm muito hebraico... aqui, só usamos Português".

Carlinhos saiu do jornalismo diário, assessorou Paulo Maluf, montou uma empresa

de consultoria em comunicação e um blog/coluna de sucesso, o Chumbo Gordo, reproduzido por diversos jornais Brasil a fora, inclusive o Diário. O gordo do título tinha a ver com o tamanho de Carlinhos, muito reduzido após um acidente doméstico bobo, em São Paulo.

Conheci Carlinhos na *Folha de S. Paulo*, em meados dos anos 1980. Depois, brigamos muito, eu defendendo o governo de Luiza Erundina, como assessor na área de transportes e ele defendendo o jornalismo sério. Nós fizemos amigos, mas seguimos brigando mu-

to, vida a fora. Por exemplo, nas últimas eleições. Carlinhos não admitia apoiar Jair Bolsonaro ("judeu não vota em fascista", dizia). Mas detestava o PT e Lula. Eu teimava: "Mas se é pra derrotar Bolsonaro, não resta alternativa senão votar em Lula!". Mais uma briga. E duvido que ele, na hora H, tenha apoiado Lula. Danado, esse Carlinhos.

Isso tudo mesmo odiando a permanente ode de Bolsonaro fazia à ditadura. Afinal, Carlinhos foi com o tio reconhecer o corpo do primo, Chael Charles Schreier, militante da luta armada morto sob tortura pe-

los esbirros da ditadura militar (essa que os bolsonaristas dizem não ter existido), em 1969.

Brigamos muito. Mas estivemos em muitos debates, juntos, onde eu sempre dizia que nos unia "a verdadeira fé". O judaísmo? – perguntavam. "Sim, mas estou me referindo principalmente ao Corinthianos", eu respondia. Carlinhos era corinthiano roxo. Como roxos somos todos os corinthianos. Quando o Corinthianos foi rebaixado no Campeonato Brasileiro, em 2007, eu o procurei, atrasado, em busca de consolo. "Jaimele", ele me disse, usando um sufixo judaico europeu que indica carinho. "A primeira divisão será sempre onde o Corinthianos estiver". Estava certo, esse Carlinhos.

"Carlos Brickmann esteve presente nos momentos mais difíceis da vida judaica", lembra o presidente da Conib (Confederação Israelita do Brasil), Claudio Lottenberg. "Nem sempre estivemos de acordo, mas ele era um grande analista político, dono de um ótimo texto e, acima de tudo, de um refinado senso de humor", emenda Fernando Lottenberg, comissário da OEA (Organização dos Estados Americanos) para a luta contra o antissemitismo. "Fará muita falta", conclui.

Não parece ser coincidência

a morte de Carlinhos Brickmann ocorrer no momento em que a *Folha de S. Paulo* demite o colunista Janio de Freitas. São dois episódios do processo de falência do jornalismo sério e investigativo no Brasil. Substituído por blogueiros, blogueirinhas, modelos/atrizes, influencers e por um bando de palpiteiros ignorantes. Não por acaso, palpiteiros que prosperam num mundo distópico em que partes ponderáveis da população acredita em reptilianos, antissemitas que vivem no centro da série e jacarés amamentados por vacinas. Carlinhos diria: "Jaimele, são todos *tridraim*", doidos, em idish, idioma falado pelos judeus da Europa Central e Oriental.

Uma velha lenda diz que um grande comediante judeu da Polónia do século XVII, em seu leito de morte, ao perceber a chegada dos funcionários do cemitério, cometeu a piada final: "por favor, não me carreguem pelas axilas, tenho céccegas".

Por favor, não carreguem Carlinhos pelas axilas, ou ele morrerá de rir de nós. A Berta, sua companheira, aos dois filhos, à Marli, escudeira fiel, e ao gato Vampeta, um grande abraço.

* Jaime Brener é jornalista, sociólogo, escritor e um dos muitos amigos de Carlos Brickmann.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Política **Página:** 5